Anagramas Revista beta

A Narrativa Policial em Janete Clair

Rafael Luis Crema[1]
Cláudia Lago[2]

Resumo

Pretendemos analisar a construção da narrativa policial em Janete Clair. Para isso, utilizamos como referencial as teorias de construção da narrativa ficcional (MOTTA, 2009) e de suspense (REIMÃO, 1983). Também nos amparamos em uma leitura sobre a telenovela (analisando "O astro" e sua nova versão), partindo da percepção que esta é originária do romance folhetim (MEYER, 1996) e, em função de suas raízes simbólicas populares, ocupa um lugar de destaque na construção do imaginário social brasileiro.

Palauras-chaue: *Telenovela; Narrativa Policial; Suspense; Janete Clair; "O astro".*

INTRODUÇÃO

A narrativa novelesca é herdeira direta do romance folhetim, que nasceu na França do século XIX (MEYER, 1996). Grandes autores franceses, como Alexandre Dumas, Honoré de Balzac e tantos outros, se beneficiaram muito com essa forma de narrativa, que também foi incorporada por diversos escritores brasileiros, como Machado de Assis e Lima Barreto.

O rádio, logo no seu início, incorporou essa forma narrativa, conquistando audiências com as radionovelas. Incorporada pelo veículo, a narrativa folhetinesca tornou-se extremamente popular. Posteriormente, migra para a TV, onde se transforma em um "repertório compartilhado", na medida em que o público se sente representado por aquela realidade ficcional que levanta dilemas sobre o comportamento da sociedade e seus problemas sociais, morais e de relacionamento (HAMBURGUER, 2003).

[1] Estudante de Graduação 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: rafaelcrema@globo.com.
[2] Doutora, professora da Escola de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

Janete Clair, uma das maiores novelistas brasileiras, contribuiu decisivamente para o formato da telenovela que temos até hoje. Entre suas criações destaca-se a novela "O Astro", exibida entre 1977 e 1978, que foi campeã de audiência em sua época. Das inovações desta obra audiovisual, destacamos a incorporação de elementos da narrativa policial.

Este trabalho, a partir de leituras junto a teóricos que pensam a construção da narrativa policial como Todorov (1970) e Boileau-Narcejac (1991), analisa como a narrativa policial foi construída na primeira versão de "O Astro" e compara esse levantamento com os elementos da narrativa policial presentes na nova versão da novela, exibida no ano de 2011.

A TELENOVELA NO BRASIL E A NOVELISTA JANETE CLAIR

A primeira novela televisionada estreou no Brasil pela TV Tupi em 1951: "Sua Vida me Pertence". Foi escrita e dirigida por Walter Foster, exibida ao vivo duas vezes por semana, terças e quintas em 15 capítulos (BORELLI, ORTIZ, RAMOS, 1989).

A primeira novela diária foi lançada pela TV Excelsior em 1963, chamada "2-5499 ocupado". É começo da história do produto de maior abrangência nacional (SADEK, 2008).

A partir da década de 60, todas as emissoras de TVs no Brasil incorporaram o gênero (Tupi, Excelsior, Globo), no início investindo em novelas fantasiosas, ambientadas em outros países, grandes cenários e extremamente românticas, com mocinhos, mocinhas e vilões bem delineados e até certo ponto caricatos[3].

É nesse cenário que inicia Janete Clair, nascida Janete Stocco Emmer[4], casada com o também autor Dias Gomes. A novelista começa a escrever para ajudar a compor a renda da família, ainda no rádio. Foi na Rádio América que redigiu a radionovela "Rumos Opostos", de vinte capítulos, de 15 minutos cada um, que foram ao ar três vezes por semana (XEXÉO, 1996). Trabalhou no rádio de 1948 a 1969, passando por diversas emissoras entre elas a: "Tamoyo" e "Nacional".

[3] Essa característica inicial muito se deveu a novelista Glória Magadan. A autora, que trabalhava na Venezuela, em 1964, inicia na TV Tupi, apoiada por Walter George Durst e de Daniel Más. Um ano depois se transfere para a então iniciante TV Globo, como conta Régis Cardoso (JUNIOR, 2001: 99), e escreve "Eu compro essa mulher".

[4] O sobrenome Clair foi uma inspiração vinda da música de Debussy, da qual ela gostava (ALENCAR, 2007).

Em 1964 escreveu "O Acusador", sua primeira telenovela, que foi ao ar pela TV Tupi de São Paulo. Em 1967 teve sua grande chance ao ser chamada em caráter de urgência, pelo diretor de operações da TV Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (o "Boni"), a pedido de Glória Magadan, que a essas alturas atuava como supervisora de teledramaturgia do canal (ALENCAR, 2007). Janete Clair deveria ajudar a salvar a novela "Anastácia, a mulher sem destino", escrita pelo ator Emiliano Queiroz. O folhetim sofria de baixa audiência, excesso de personagens e uma produção caríssima. A solução de Janete foi promover um terremoto na ilha, local onde se passava a trama, eliminando mais de cem personagens e dando um salto de vinte anos na história, mantendo a protagonista.

A atuação da autora levou-a a estrear no horário nobre da TV Globo, escrevendo uma novela para o horário das oito, a "Sangue e Areia". Em 1969, com a demissão de Glória Magadan, ocorreu uma grande mudança na teledramaturgia nacional com a estreia da chamada 'novela verdade'[5]. "Véu de Noiva", novela de Clair, trazia realidade nacional à TV, com "histórias paralelas em uma mesma novela" (ALENCAR, 2007: 7), o que mudou a teledramaturgia da TV Globo drasticamente. Segundo Boni, essa guinada faria surgir o que o mundo conhece hoje como a "Telenovela Brasileira" (BONI, J. In: COELHO; FERREIRA, 2003: 10 – prefácio).

Clair escreveu em seguida, em 1970, sua novela mais longa, com 328 capítulos e de muito apelo popular, procurando envolver o público masculino: "Irmãos Coragem". Já em 1972 foi ao ar "Selva de Pedra" [6] seguida por sucessos como "Pecado Capital", "O astro", "Pai Herói" e "Coração Alado".

Janete Clair era conhecida por Maga das oito, Nossa Senhora das oito, e segundo Carlos Drummond de Andrade (MAIOR, 2006: 161) "A usineira dos sonhos", exatamente por provocar a fantasia em seu público. Seu nome sempre é citado quando falamos de

[5] A revolução em direção a um novo tipo de novela, e o consequente fim do reinado de Glória Magadan tem como ponto crucial a novela da TV Tupi, em 1968, "Beto Rockfeller". Esta batia de frente com o estilo de Magadan, com um texto mais dinâmico, atual, um protagonista moderno (o ator Luiz Gustavo), leve, mostrando a realidade da juventude na época. Marcada como a novela que revolucionou o gênero, foi a guinada que as novelas estavam precisando e o que influenciou os enredos que viriam a seguir (ALVES, 2008: 238).

[6] Selva de Pedra conseguiu a façanha de garantir 100% da audiência no capítulo 152, no dia 04 de outubro de 1972, em que a personagem de Regina Duarte, 'Simone', é desmascarada.

telenovela e é referência quando há debates sobre o assunto (COELHO; FERREIRA, 2003) [7].

A NARRATIVA POLICIAL

A narrativa policial nasceu no mesmo período que o folhetim, na França, no século XIX. Havia uma parte nos jornais chamada "variétés", um esboço do caderno 2 ou B dos jornais atuais, em que se contavam piadas, receitas de cozinha ou beleza, novidades em gerais, críticas das últimas peças em cartaz, os livros recém-lançados, e no rodapé viriam os folhetins (MEYER, 1996: 57). Esses jornais populares criam a seção "Fato diverso", local onde eram publicados os crimes raros, banais, até inexplicáveis, fatores que atraiam a atenção do público (REIMÃO, 1983).

Os romances policiais vieram como uma consequência daquelas notícias, só que os autores pensavam mais detalhadamente no crime, nas circunstâncias do ato. A curiosidade de saber da continuidade da história e o culpado eram herdeiras do mesmo raciocínio que as notícias daqueles jornais.

A diferença era o uso de um detetive como meio, já que a polícia como conhecemos hoje só passa a existir a partir do Século XIX (REIMÃO, 1983). Os crimes eram investigados por detetives particulares, como Eugène François Vidocq, um dos "primeiros da história, que se utilizava de delatores e denúncias" (BOILEAU-NARCEJAC, 1991: 15).

A função do detetive nessa narrativa é garantir a confiança do leitor pela justiça, nos guiando pela história, que nos prenderá por uma curiosidade dolorosa até o último capítulo. Caberá a ele investigar e a responder "Quem é o assassino? Quem morreu? Por que morreu? Quem são os suspeitos do crime? Onde aconteceu? De que forma aconteceu?" (MAYER, 2010: 92).

Todorov (1970), explica que os romances policiais contêm duas histórias, distantes em si, a história do crime, e a história do inquérito. A primeira história, a do crime, conta o que realmente aconteceu, enquanto a do inquérito explica como o leitor tomou conhecimento dela. É um jogo de descobertas.

Para matar alguém é necessário uma razão. Para estar no local do crime é necessário um motivo. Para não estar também (Álibi). Dúvidas quanto o caráter das

[7] Em 1983 Janete Clair morreu em função de um câncer. Na época, escrevia sua última novela, "Eu prometo" (para o horário das 22 horas). Janete faleceu no dia 16 de Novembro. Glória Perez em um depoimento diz que "ela escreveu até o último minuto" (AUTORES, 2008: 435).

personagens são geradas constantemente em uma história policial, eles não são o que parecem ser (PONTES, 2007). Os personagens suspeitos se calam, têm algo a esconder. Na impossibilidade de apresentar sua defesa, todos se tornam suspeitos. O crime acontece.

O assassinato em uma história de suspense não é o que suscita a curiosidade. A selvageria do crime é o que chama a atenção para o fato. Nessa parte começa uma nova fase da história, a do inquérito. Nela, os personagens agem sobre a ação que se passou, atuam sobre o crime, as narrativas são elaboradas em "forma de memória", de trás pra frente, de forma coerente (REIMÃO, 1983, P. 24), e a averiguação é feita pelo investigador, delegado, etc. O primeiro uso do detetive nasceu nos primórdios da literatura policial, com o escritor Edgar A. Poe, em seu livro "Assassinatos na Rua Morgue", de 1841 (PONTES, 2007: 28). Após Poe, a literatura policial transformou-se e foram nascendo novos personagens e uma investigação com enfoque no raciocínio lógico, como faz Sherlock Holmes, primeiro detetive de pensamento analítico (DOYLE, 1887: 120).

O que sustenta o romance policial é o suspense, ingrediente essencial, que segundo Boileau-Narcejac (1991: 67), "é uma 'relação matemática' entre o tempo e a 'excitação' produzida pela narrativa". E é essa corrida pelo labirinto que causa excitação no público, aquele frio na espinha, aquela sensação de medo, além das pistas falsas, encontros ocasionais e as coincidências surpreendentes que confundem quem lê as narrativas.

Feinmann define a história de suspense da seguinte forma:

> "A ideia da história de mistério é bastante simples. Um crime aparentemente inexplicável, quase sempre um assassinato, é apresentado ao leitor. Este tenta adivinhar a explicação. A tarefa do autor resume-se a proporcionar a resposta mais engenhosa possível, com pistas consistentes, mas impossíveis de serem adivinhadas pelo leitor até que sejam reveladas. Para o leitor habitual, o paradoxo consiste em ele desejar adivinhar a resposta e ficar desapontado no caso de conseguir." (FEINMANN, --: 107) [8].

Temos as peças do tabuleiro, "1) o crime misterioso; 2) o detetive; 3) a investigação" (BOILEAU-NARCEJAC, 1991:19). Mas aqui cabe a pergunta, qual dessas partes interessa mais ao público?

[8] FEINMANN, Jeffrey. *O mundo misterioso de Agatha Christie*/tradução Enéida Vieira Santos. Rio de Janeiro: Ediciones Altaya, Editora Record, --.

> "O leitor está interessado não só no que aconteceu, mas também no que acontecerá mais tarde, interroga-se tanto sobre o futuro quanto sobre o passado. Os dois tipos de interesse se acham, pois aqui reunidos; existe a curiosidade de saber como se explicam os acontecimentos já passados; e há também o suspense: que vai acontecer às personagens principais?" (TODOROV, 1970, p. 102) [9].

O romance de suspense tem sua característica demarcada pela sucessão de pistas e foco na investigação. Não é uma de suas características a ação, tiros, perseguição. Tudo ocorre no seu devido tempo e de forma branda (PONTES, 2007). O raciocínio é dedutivo e faz a história avançar, pouco a pouco, na averiguação, nas intrigas e em seus lances teatrais (BOILEAU-NARCEJAC, 1991). Por último será dada a cartada final do investigador, e o derradeiro assassino será condenado.

Boileau-Narcejac (1991) fornece um resumo de uma estrutura de romance policial composta por dois tempos:

1) O do crime: Há apresentação das personagens, em grau de importância, em seguida nos são mostrados os cenários principais e o que for importante para o avançar da história. São construídas as intrigas, o campo é minado por conflitos, que por sua vez indicam motivos para o crime ser cometido. Cada suspeito é convertido em uma peça do jogo no ato criminal. O público entra no labirinto e se perde lá dentro, defronte os Álibis de cada acusado. Ocorre o assassinato.

2) O do inquérito: Começa a investigação partindo de um delegado (detetive), que abre o leque de suspeitos, investigando o perfil de cada um e expondo ao público. A narrativa vai ser montada em forma de memória, para que se consiga a verossimilhança da história. As personagens vão agir sobre o crime cometido, o que vai ser contado é a indagação do como o crime ocorreu e, não as próximas ações das peças do jogo. Os álibis são investigados, eliminando um a um os suspeitos até que o investigador dê o xeque-mate. Mostrado o motivo pelo crime, ocorre a reconstituição dos fatos, normalmente com a presença dos principais suspeitos e, o assassino é tornado público, acarretando no clímax final.

[9] TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: editora Perspectiva, 1970, 2ª edição.

O CRIME EM "O ASTRO" E EM SUA NOVA VERSÃO[10]

A novela "O Astro", de Janete Clair, foi originalmente exibida entre 6 de dezembro de 1977 e 8 de julho de 1978, no horário das 20 horas e direção geral de Daniel Filho.

O enredo girava em torno de Salomão Hayala, que é um empresário de sucesso. Fez sua fortuna sozinho e devido sua personalidade forte, colecionava desafetos. Vários personagens queriam ter o seu poder e sua fortuna, e lucrariam muito com a sua morte. Seus irmãos Amin, Samir e Youssef, Tia Magda, Felipe, Melo Assunpção, entre outros se tornam suspeitos.

Para movimentar as peças do tabuleiro e confundir o telespectador, Janete utilizou os seguintes cenários: Casa de Salomão - quarto, sala e escritório; Churrascaria onde Herculano trabalhava; Construtora Melo Assumpção; Empresa de Salomão Hayala e Barbearia de Neco.

O assassinato acontece no capítulo 43 (BAHIANA, 2006). Após uma discussão com sua mulher, Clô, Salomão pega o carro e sai atordoado. Um tempo depois se dá a notícia de que o carro em que ele estava capotou e que ele estava morto.

Depois da morte do empresário, é lido seu testamento em que ele deixa o comando da empresa nas mãos do filho, Márcio (recurso novelístico clássico, que marca o retorno do herói e que aumenta o suspense). Em seguida descobre-se que o empresário foi assassinado e que o acidente com o carro foi forjado. Começava a caçada ao assassino.

Trinta e três anos depois o Brasil parou novamente para saber quem era o assassino de Salomão Hayala, repetindo o sucesso da novela de Janete Clair. De 12 de Julho a 28 de outubro de 2011, a nova versão da história foi chamada de "novela das 23h", com 64 capítulos, escrita por Alcides Nogueira e Geraldo Carneiro e direção geral de Mauro Mendonça Filho.

Nesta versão da história, três personagens comandam a encenação. Primeiro, Herculano Quintanilha, que, assim como na primeira versão, foge de sua cidade por causa de um golpe cometido por Neco (Herculano é preso). Anos depois apresenta seu show como bruxo e vidente em uma casa de shows na Penha-RJ, local onde se passa parte da

[10] Análise feita a partir de um compacto, feito especialmente para o festival 15 anos da Rede Globo, em 1980, encontrado no endereço http://www.youtube.com/watch?v=Zxa0YYkzpMs&feature=fvsr (parte 1) e http://www.youtube.com/watch?v=kj84f9IYLfw&feature=related (parte 2). A nova versão foi acompanhada diariamente para sua análise.

história. Em seguida nos é apresentado o empresário Salomão Hayala, o centro da história, em torno do qual todos os núcleos circularão. Como já se sabe que o personagem irá morrer, as intrigas são intensificadas nos primeiros capítulos, até que acontece o crime. Por fim, nos é apresentada a personagem Clô Hayala, Mulher de Salomão. De personalidade forte, trava fortes duelos com o empresário desde o primeiro capítulo, deixando nítido o seu descontentamento no casamento e estar incomodada com as tiranias do marido.

As locações principais desta versão são: Casa de Salomão - quarto, sala e escritório; Casa de shows "Cosmos" onde Herculano se apresenta, na Penha-RJ; Construtora Melo Assumpção; Empresa de Salomão Hayala; Barbearia e casa de Neco e Apartamento de Herculano.

Nesta versão da história, os personagens estavam reunidos em um único local, na casa de Salomão, para o lançamento da união do grupo Hayala com a Xangai Building, no capítulo 15. O empresário é jogado da janela de seu quarto, no andar superior de sua casa. Na hora do crime, as luzes da mansão foram apagadas misteriosamente e cada pessoa estava em um local diferente da mansão.

Enquanto ocorre a investigação, o detetive Eustáquio e sua assistente Elizabeth (fazendo uma alusão a Sherlock Homes e Watson), indagam cada um dos suspeitos.

Nesta versão, Salomão também deixa um testamento em que coloca nas mãos de seu filho, Márcio, o comando da empresa. Além disso, o empresário deixa para seu herdeiro um diário, em que ele fala dos seus inimigos e quem é cada um (dentro da empresa, amigos, etc.), ajudando Márcio a enxergar quem anda a sua volta e que mais tarde será mais um auxílio para a polícia na procura pelo assassino.

O SUSPENSE NAS DUAS VERSÕES

A tabela abaixo exemplifica as similaridades e diferenças nas duas versões da história de suspense no "O Astro" no que se refere aos componentes da narrativa policial:

Componentes	O Astro de 1977/1978	Remake de 2011
Quem morreu?	Salomão Hayala (Dionísio Azevedo).	Salomão Hayala (Daniel Filho).
Quem matou?	Felipe Cerqueira, com a ajuda de Henri.	O mordomo Inácio, que trocou o remédio de Salomão por veneno, o irmão Yousseff Hayala com um golpe de uma arma na cabeça de Salomão e, Clô Hayala, que o

		empurra da janela.
Por que matou?	Foi obrigado por Salomão a deixar o país, por se aproximar de Clô Hayala.	Inácio matou porque não suportava a crueldade de Salomão com a patroa, Youssef e Nádia queriam vingança, assim como Clô, que queria vingar o filho pelos maus tratos do pai.
Quem eram os suspeitos do crime?	Clô (Tereza Rachel), Samir (Rúbens de Falco), Amin (Macedo Neto), Youssef (Issac Bardavid), Márcio (Tony Ramos), Felipe (Edwin Luisi), Henri (José Roberto Rodi), Amanda (Dina Sfat) e Herculano (Francisco Cuoco).	Clô (Regina Duarte), tia Magda (Rosamaria Murtinho), Samir (Marco Ricca), Youssef (Zé Rúbens Chachá), Amin (Tato Gabus Mendes), Jamile (Carolina Kasting), Nádia (Vera Zimermann), Myriam (Mila Moreira), Adolfo (Reginaldo Faria), Henri (João Baldasserini), Felipe (Henri Castelli), Neco (Humberto Martins) e Inácio (Paschoal da Conceição).
Como o crime ocorreu?	O empresário tinha ido atrás do jovem Felipe, que o surpreendeu com uma emboscada e, na briga, Felipe dá uma coronhada com uma arma na cabeça dele, que morre na hora. O acidente de carro foi forjado por Felipe e Henri, que jogaram o corpo do empresário do alto de uma ribanceira.	Num encontro festivo empresarial na casa de Salomão. Para defender a Patroa dos maus tratos de Salomão, o mordomo Inácio trocou o remédio de Salomão pelo veneno Polônio, no frasco de antiácidos. Já Youssef, logo em seguida, a mando de Nádia, sua esposa, tenta matar o irmão com uma coronhada de uma arma na cabeça dele (alusão à primeira versão). Nádia Arquiteta o plano para matar o empresário, mas Youssef não tem coragem de finalizar, fugindo. E a assassina é Clô Hayala que empurra Salomão pela janela sem dó nem piedade.

Provas?	No testamento, Salomão expressa sua insegurança, diz que se sentia ameaçado e de que não viveria por muito tempo.	Um botão de uma camisa, o diário de Salomão, um tufo de cabelo do assassino e as fotos da personagem Jose.
Onde ocorre a revelação?	Acontece numa delegacia, onde o delegado reuniu os suspeitos, no último capítulo da trama.	Num encontro na casa de Salomão, onde se encontram todos os suspeitos, também no último capítulo.
Detetive	O ator Milton Barros (delegado sem nome ficcional)	Eustáquio Corona (Daniel Dantas) e sua auxiliar Elizabeth (Úrsula Corona).

Percebe-se pela tabela que, tanto a novela original como sua nova versão, observam os princípios básicos da construção da narrativa de suspense.

A partir dessa comparação, podemos perceber, por exemplo, que os assassinos desde o primeiro momento "se mostraram capazes de cometer um homicídio" (FEINMANN, --, p. 13), eram alguém do qual "o público não suspeitava e que mataram por vingança" (BOILEAU-NARCEJAC, 1991, p. 41), "não concordavam com uma determinada situação" (MAYER, 2010, p. 93), "queriam que a justiça deles prevalecesse" (PONTES, 2007, p. 58). Como aponta Van Dine[11], eram "personagens que desempenhavam um papel importante na história desde o começo" e "não eram profissionais do crime, assassinos em potencial".

Outro aspecto importante é ressaltar que, nas duas obras, os núcleos do melodrama e do suspense são demarcados, o que visa auxiliar a compreensão por parte do público.

Esse aspecto é fundamental, se pensarmos que o principal ingrediente da telenovela é o melodrama (SADEK, 2008), que pode conflitar com o recurso do raciocínio lógico dedutivo, inerente ao romance policial. Como podem as telenovelas se utilizarem dos dois recursos, sendo que os romances híbridos "põem em cena dois talentos diferentes que tendem a prejudicar-se reciprocamente" (BOILEAU-NARCEJAC, 1991, p. 83)?

[11] Van Dine apud BOILEAU-NARCEJAC. *O romance policial*. São Paulo: editora Ática, 1991. (Série Fundamentos; 86).

A problemática se instala com a diegese, Motta (2009) [12], uma proximidade que temos do protagonista, nós nos vemos em suas atitudes e nos identificamos com o que ele vivencia (o melodrama; Herculano); já acontece o oposto na literatura policial, há um distanciamento dos personagens (o suspense; Salomão), não há sentimentalismo, no que, segundo Van Dine[13], iria perturbar o mecanismo do problema puramente intelectual. São dois opostos.

Mas o folhetim eletrônico resolve essa questão ao trabalhar com núcleos (os plots): nas novelas "não há um plot principal, mas vários acontecendo ao mesmo tempo: ou melhor, o plot principal será aquele que, num dado momento, se mostrar como o preferido do público" como informa Doc Comparato[14]. Assim a audiência pode se identificar com a trama do herói da história, sem misturar a lógica do núcleo do crime, assim como há o núcleo do humor e assim por diante.

> "A apresentação das histórias é feita em progressão: sendo muitos plots entrelaçados, cada unidade tem, aparentemente, autonomia, sendo, na verdade, dependente de um conjunto que sempre avança no enovelar, expondo-se paulatinamente. Neste sentido, outra característica estrutural importante é a sucessividade. Esta permite a manutenção do suspense, necessário para a duração da série que cavalga a trama, a construção de âncoras com o tempo histórico no qual a narração se dá e onde o espectador está imerso." (CAMPEDELLI, 2001, p. 22)[15].

Cabe por fim ressaltar que o impacto causado pela novela inicial, proposto por Janete Clair, reside principalmente na capacidade da autora de ter construído as diversas tramas de forma equilibrada, o que é bastante significativo já que, apesar de descrita como uma "novela policial", "O Astro" não foi imaginado desta forma, como conta a autora em entrevista:

> "Quem matou? Aliás, eu não pretendia usar esse recurso que reconheço ser banal, mas infalível. Pretendia revelar o nome do criminoso logo nos próximos capítulos após o crime. Confiava tanto nessa telenovela que disse várias vezes ao Daniel: ela não necessita

[12] MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade? http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor.admjor/arquivo/luiz_gonzaga_motta.pdf acesso em 20 de fevereiro de 2011.
[13] DINE, V. apud BOILEAU-NARCEJAC. *O romance policial*. São Paulo: editora Ática, 1991. (Série Fundamentos; 86).
[14] COMPARATO, Doc - *Roteiro; arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nórdica Ltda., 1983. Pág. 88.
[15] CAMPEDELLI, Samira Youssef. *A telenovela*. 2ª ed., São Paulo: Editora ática, 2001.

> de apelos. E ele sempre esteve de acordo porque também confiava muito nessa história. Mas o interesse do público foi tão forte, que me deixei levar pela pergunta que passou a fazer parte do folclore popular." (MAYER, 2010, p. 191) [16].

Na obra de Janete Clair, apesar de não ser a proposta inicial prosseguir com a história policial, a trama foi entremeada com esta e o enredo avançou propondo o mistério para a audiência, mantendo o interesse. Na versão 2011, a história foi pensada sob uma nova ótica, pelo simples fato dela ser uma "novela" mais curta (em que a história, incluindo o assassino, já era pública), permitindo a construção do suspense com mais precisão, por ser uma "obra fechada" com 64 capítulos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das duas obras serem chamadas de telenovelas, há diferenças nos formatos. Janete Clair escreveu uma novela de 186 capítulos em 1977/1978. Outra novelista, Glória Perez explica que "novela é folhetim, uma história pensada para ser contada em extensão, não em profundidade. Você precisa bolar uma trama que tenha muitas possibilidades de desdobramento" (AUTORES, 2008: 460). Já a nova versão, feita em 2011, teve 64 capítulos, e apesar de intitulada como a "novela das 23 horas", tem um formato que mais se aproxima de uma minissérie, pois: "tem um público diferente, com outra postura diante do programa. Nela, não podemos sacrificar a coerência em prol do sensacional" (Idem).

Como as novelas são obras abertas, elas podem ser modificadas de acordo com a audiência e preferência. Como consequência, a história pode mudar constantemente. Na minissérie tudo é pensado do começo ao fim, devido ao pouco número de capítulos, sendo mais fiel ao que foi idealizado.

Portanto, as duas obras foram bem elaboradas, cada uma em seu formato e época, respeitando as características de uma narrativa policial estudadas e, através dessa análise foi detectado que o suspense, elemento principal de uma narrativa policial, não é apenas o assassinato em si, e sim, a tensão gerada por qualquer situação de dúvida em que ponha a quem a assiste em xeque quanto ao futuro da ação, cabendo este recurso tanto ao melodrama, quanto ao suspense.

---

[16] Entrevista de Janete Clair aos jornalistas da revista Amiga, 26/07/1978 apud MAYER, Claudino. *Quem matou...? O romance policial na telenovela.* Apresentação de Antonio Adami. Prefácio de Alcides Nogueira. São Paulo: Annablume, 2010. P. 191

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mauro. *Selva de Pedra*/Janete Clair; adaptação Mauro Alencar. Colaboração Eliana Pace. São Paulo, 2007 (Grandes novelas).

ALVES, Vida. *TV Tupi: uma linda história de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

AUTORES: *histórias da teledramaturgia*, livro 1. Memória Globo. São Paulo: Globo, 2008.

BAHIANA, Ana Maria. *Almanaque anos 70*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BOILEAU-NARCEJAC. *O romance policial*. São Paulo: editora Ática, 1991. (Série Fundamentos; 86).

BORELLI, Silvia Helena Simões; ORTIZ, Renato; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela, história e produção*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. *A telenovela*. 2ª ed., São Paulo: Editora ática, 2001.

COELHO, Cleodon; FERREIRA, Mauro. *Nossa Senhora das oito: Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil*. Mauro Ferreira com pesquisa e reportagem de Cleodon Coelho. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

COMPARATO, Doc - *Roteiro; arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nórdica Ltda., 1983.

DOYLE, Sir Arthur Conan. *Um estudo em vermelho* (a study in Scarlet, 1887), Coleção A obra-prima de cada autor. Tradução: Jean Melville. 1ª reimpressão 2009. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda.,2001.

FEINMANN, Jeffrey. *O mundo misterioso de Agatha Christie*/tradução Enéida Vieira Santos. Rio de Janeiro: Ediciones Altaya, Editora Record, --.

HAMBURGUER, Esther. *A construção da verossimilhança nas novelas*. In: FARIAS, P.; TRAVANCAS, I., (Orgs.); Ilana Strozenberg... [et al.]. Antropologia e comunicação. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 176p; 14x21cm. (Universitária)

JUNIOR, Gonçalo Silva. *País da TV: a história da televisão Brasileira contada por* ---. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

MAIOR, Marcel Souto. *Almanaque TV Globo*. São Paulo: Globo, 2006.

MAYER, Claudino. *Quem matou...? O romance policial na telenovela.* Apresentação de Antonio Adami. Prefácio de Alcides Nogueira. São Paulo: Annablume, 2010.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade?*
http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor.admjor/arquivo/luiz_gonzaga_motta.pdf acesso em 20 de fevereiro de 2011.

PONTES, Mario. *Elementares: Notas sobre a história da literatura policial*. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*, 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros passos; 109).

SADEK, José Roberto. *Telenovela: um olhar de cinema*. São Paulo: Summus, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: editora Perspectiva, 1970, 2ª edição.

XEXÉO, Arthur. *Janete Clair: a usineira dos sonhos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relúme-Dumará, 1996.